



**A palavra alheia frente à objetividade jornalística:
análise da incorporação de discursos sobre o 8 de
janeiro em uma manchete digital brasileira**

*The word alien to journalistic objectivity: analysis
of the incorporation of discourses on January 8 in
Brazilian digital headlines*

ALINE MILENA BORGES DA SILVA DIAS

ORCID: 0000-0003-0874-1172
Universidade Federal de Pernambuco
Brasil

EVERTON HENRIQUE SOUZA-SILVA

ORCID: 0000-0002-8260-8292
Universidade Federal de Pernambuco
Brasil

Recebido: 26 de abril de 2024 | Aceito: 29 de setembro de 2025

DOI: 10.35956/v.25.n2.2025.p.198-214

RESUMO

Este trabalho, inscrito na Análise Dialógica do Discurso (ADD), analisa a incorporação do discurso alheio em uma manchete jornalística digital sobre o 8 de janeiro no Brasil. O objetivo geral é investigar efeitos da integração da palavra alheia ao enunciado da manchete para a compreensão dos discursos sobre o 8 de janeiro no país. Para isso, fundamenta-se principalmente nos trabalhos de Bakhtin (1997), Volóchinov (2021), Cunha (2008), Ribeiro (2018), Francelino (2022), Messagi Júnior (2022) e Nunes e Silva (2020), seguindo a abordagem de pesquisa qualitativa (Jaccoud; Mayer, 2008) e descritivista-interpretativista (Moita Lopes, 1994). Os resultados apontam que, mediante o diálogo entre discurso citado e citante, a manchete constrói uma reapreciação do discurso alheio, possibilitando novas representações sobre o dia 8 de janeiro.

PALAVRAS CHAVE: *8 de janeiro. Atos antidemocráticos. Discursos alheios. Jornalismo brasileiro. Reacentuação.*

RESUMEN

Este trabajo, inscrito en el Análisis Dialógico del Discurso (ADD), analiza la incorporación del discurso ajeno en titulares periodísticos digitales sobre el 8 de enero en Brasil. El objetivo general es investigar efectos de la integración de la palabra ajena al enunciado de los titulares para la comprensión de los discursos sobre el 8 de enero en el país. Para ello, se fundamenta principalmente en los trabajos de Bakhtin (1997), Volóchinov (2021), Cunha (2008), Ribeiro (2018), Francelino (2022), Messagi Júnior (2022) y Nunes e Silva (2020), siguiendo el enfoque de investigación cualitativa (Jaccoud; Mayer, 2008) y descriptor-interpretativista (Moita Lopes, 1994). Los resultados indican que, mediante el diálogo entre el discurso citado y el citante, el titular construye una revalorización del discurso ajeno, posibilitando nuevas representaciones sobre el 8 de enero.

PALABRAS CLAVE: *8 de enero. Actos antidemocráticos. Discursos ajenos. Periodismo brasileño. Reacentuación.*

ABSTRACT

This work, inscribed in the Dialogic Discourse Analysis (ADD), analyzes the incorporation of the discourse of others in digital journalistic headlines about January 8 in Brazil. The general objective is to investigate the effects of the integration of the word alien to the utterance of the headlines for the understanding of the discourses on January 8 in the country. For this, it is based mainly on the works of Bakhtin (1997), Volóchinov (2021), Cunha (2008), Ribeiro (2018), Francelino (2022), Messagi Júnior (2022) and Nunes e Silva (2020), following the qualitative research approach (Jac-

coud; Mayer, 2008) and descriptive-interpretative (Moita Lopes, 1994). The results indicate that, through the dialogue between quoted and quoting discourse, the headline constructs a reappraisal of the other's discourse, enabling new representations of January 8th.

KEYWORDS: *January 8. Undemocratic acts. Discourses of others. Brazilian journalism. Reacentuation.*

Introdução

Diferentemente ao prescritivismo dominante em sua época, a “revolução teórica” bakhtiniana¹ foi responsável por elevar os estudos sobre a palavra alheia, centradas em formas gramaticais estáticas, às práticas dialógicas da língua/gem (Cunha 2008). Nesse sentido, houve o enfoque em práticas discursivas que são constitutivamente dialógicas, já que, “em sua essência, a palavra é um ato bilateral. [...] Toda palavra serve de expressão de ‘um’ em relação ao ‘outro’. Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade” (Volóchinov 2021: 205). Desse modo, considerando os elos que lhe precederam e os que lhe sucederão, os enunciados, na perspectiva bakhtiniana, podem ser interpretados como uma ponte entre o “eu” e o “outro”.

Na esteira do dialogismo constitutivo de toda palavra, em seu sentido dinâmico, situado, acabado e irrepetível (Bakhtin 2016 [1952-1953]), há, portanto, o dialogismo composicional, pelo qual os sujeitos frequentemente se utilizam do discurso citado na construção de seus textos, abordado por Volóchinov (2021) como discurso indireto (analítico-objetual, analítico-verbal e impressionista), discurso indireto livre e discurso direto (preparado, objetificado/reificado, antecipado, dissipado e oculto e substituído/retórico). Por discurso citado, compreendemos “o discurso dentro do discurso, o enunciado dentro do enunciado, mas, ao mesmo tempo, é também o discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado” (Volóchinov 2021: 251). Por essa associação de vozes distintas, a natureza do enunciado como contrapalavra mostra-se mais claramente, já que o “eu” dá a ver, mesmo de forma diluída no fio do enunciado, a sua compreensão ativa do que foi dito pelo “outro”.

Tal aspecto é nítido na análise dos movimentos linguístico-discursivos do gênero notícia, visto que ele é o resultado do discurso reportado (Nunes; Silva: 2020). Dentro de sua construção composicional, as manchetes têm a função de sintetizar o conteúdo que será apresentado, como uma prévia instigadora das informações de potencial interesse do leitor. Para isso, conforme Nunes e Silva (2020: 54), elas “geralmente se utilizam de elementos estilísticos e estratégias discursivas, como por exemplo: discurso citado do sujeito que será relatado na notícia, verbos que refratam valorações, metáforas, ironia etc.”. Defendemos, ancorados nesses autores, que tais componentes, quando analisados dentro da enunciação e considerando os elementos extraverbaais, são portadores de sentidos, comportando-se como pistas das projeções valorativas do sujeito-autor.

A partir disso, consideramos pertinente levantarmos um debate sobre as singularidades dos textos nativos digitais, ancorados na Análise do Discurso Digital (ADDg), para defendermos o

1 Originado na União Soviética, em plena ditadura stalinista (1927-1953), o Círculo de Bakhtin modelou, numa visada transdisciplinar, um olhar interacionista e sócio-histórico sobre a língua/linguagem, lançando destaque não só ao enunciado concreto e irrepetível, como também aos elementos que podemos intitular de essenciais para a perspectiva que estava se propondo - o enunciador e o outro. Assim, apesar de não podermos defender que a perspectiva bakhtiniana sistematizou formalmente uma teoria do discurso, suas contribuições para com as práticas textual-discursivas fizeram emergir uma análise dialógica do discurso (Brait, 2018), que realça os fatores sócio-históricos, políticos e interacionais entre eu-outro no enunciado concreto. São teóricos do Círculo: Bakhtin, Volóchinov, Medvedev, entre outros/as autores/as.

que compreendemos e tomamos como webnotícia. Por webnotícia, entendemos um tecnogênero discursivo que tem como objetivo principal informar sobre um acontecimento que ocorreu num cronotopo, ou seja, num espaço-tempo específico, o qual consiste numa maneira de interpretar as experiências no mundo (Acosta Pereira; Brait 2020). Encontramos, nesse sentido, uma estrutura composicional recorrente nesse tecnogênero: sujeitos envolvidos, discursos reportados, descrição do acontecimento e as consequências do ocorrido aos sujeitos envolvidos e/ou à sociedade.

Em paralelo, assinalamos que a webnotícia é concebida e concretizada no ambiente virtual, fazendo com que ela apresente características específicas da internet em relação às notícias impressas, a depender de seu ecossistema (Paveau 2021), como no caso da página de um jornal, com as opções de compartilhamento em outras redes sociais (*Facebook, Instagram, Twitter/X* etc.), os vídeos que podem ser reproduzidos ao longo da matéria, entre outras singularidades. Logo, partimos dessas contribuições teóricas sobre a webnotícia para desenvolvermos a presente pesquisa.

Sendo assim, este trabalho analisa a incorporação do discurso alheio em uma manchete jornalística digital sobre o 8 de janeiro no Brasil. Ao se inscrever na Análise Dialógica do Discurso (ADD) e considerar as singularidades do ciberespaço, a presente pesquisa parte desse gênero pela constatação de que o uso do discurso alheio em enunciados pertencentes à esfera jornalístico-midiática ainda é muitas vezes caracterizado como neutro, como se fosse possível ao falante a transmissão “perfeita” da palavra do outro, isto é, como se, ao reportar-se às palavras do outro com uma determinada intenção discursiva, ainda que salvaguardadas certas distâncias estruturais (no caso do discurso direto e indireto), o sujeito não imprima nelas a sua própria expressividade (Bakhtin 1997). Tal é o primeiro ponto que julgamos relevante no estudo.

Em paralelo, o tema da manchete se justifica e, nesse sentido, mostra-se também notório, por abarcar a cobertura jornalística de um acontecimento singularmente memorável da história brasileira. Estamos nos referindo a 8 de janeiro de 2023, dia em que ocorreram atos antidemocráticos realizados por extremistas, sediados principalmente no Palácio do Congresso, o maior símbolo da democracia brasileira. Os atos consistiram na invasão e violação das sedes dos Três Poderes e foram motivados pela não aceitação do resultado da última eleição presidencial, na qual o candidato Jair Bolsonaro foi deposto pelo seu maior adversário – Luiz Inácio Lula da Silva, popularmente conhecido como “Lula”.

Tal fato constituiu o ápice da intolerância política quanto ao duelo que vinha se aquecendo entre direita e esquerda no Brasil, manifestado, no ambiente virtual, pelo espírito de revolta frente às manifestações pró-esquerda e, conseqüentemente, pelo discurso de ódio, assim como, no plano físico, pelos diversos levantes organizados nas capitais brasileiras, que defendiam a irregularidade dos resultados das urnas. Como era esperado, a proporção e a repercussão do 8 de janeiro levaram diferentes manchetes a incorporarem, no corpo de seus enunciados, as vozes figurantes nesse macro conflito político-partidário, seja reproduzindo-as (mantendo a autonomia estrutural e semântica entre discurso citado e citante), seja subsumindo-as (apropriando a voz alheia como própria e assim apagando as fronteiras entre discurso citado e citante).

Isso posto, a questão geral de pesquisa pode ser formulada do seguinte modo: como a incorporação da palavra alheia em uma manchete digital brasileira contribui à formação do posicionamento jornalístico sobre os discursos correntes a respeito do dia 8 de janeiro no Brasil? Com base nessa pergunta norteadora, o estudo tem por objetivo geral investigar efeitos da integração da palavra alheia ao enunciado da manchete digital para a compreensão dos discursos sobre o 8 de janeiro no

país, do qual decorrem os seguintes objetivos específicos: (i) identificar a que vozes sociais estão ligadas as palavras alheias inseridas no enunciado da manchete; (ii) demonstrar como a incorporação das palavras alheias pela manchete aponta para o diálogo constitutivo desses enunciados; (iii) verificar como, a partir desse diálogo, a manchete opera uma reapreciação do discurso alheio, implicando novas representações sobre o dia 8 de janeiro frente ao público leitor.

Para alcançar os objetivos elencados, organizamos o artigo da seguinte forma: primeiramente, na seção de fundamentação teórica, tratamos da esfera jornalística, situando o seu trabalho no universo dos discursos. Ainda nessa seção, apresentamos alguns conceitos pertinentes à análise do enunciado na esfera digital, bem como abordamos os modos de inserção da voz alheia nessa materialidade. Já na metodologia, discorremos sobre a natureza da pesquisa, os procedimentos e critérios adotados para seleção e análise do *corpus*; logo adiante, realizamos a análise de uma manchete, através da qual evidenciamos os princípios teóricos discutidos anteriormente. Por fim, trazemos as considerações finais, em que apontamos as principais conclusões da pesquisa e suas contribuições aos estudos linguístico-discursivos.

1. O trabalho sobre o discurso alheio

Bakhtin (1997) discute a ideia da relação indireta entre a palavra e a realidade ao apontar que o dizer do sujeito não está voltado apenas para seu objeto, mas também para os outros discursos acerca desse referente. Logo, o autor preconiza a diferença entre a relação eu-objeto e a relação eu-outro, ao afirmar que apenas a leve alusão à palavra alheia é capaz de conferir, ao enunciado do falante, um aspecto dialógico, o que não ocorre quando um tema de um enunciado está voltado puramente para o objeto. Nas palavras do filósofo, “a relação com a palavra do outro difere radicalmente por princípio da relação com o objeto, mas sempre acompanha esta última” (Bakhtin 1997: 321).

Uma prova de que os discursos, na sua busca por apreender um dado objeto, chocam-se também com outros discursos pode ser vista nos enunciados com função informativa, tidos, a princípio, como objetivos e neutros. A esse respeito, Megassi Júnior (2022: 175) questiona a noção de “fato” do jornalismo, mostrando que esse “[...] não lida, a não ser em pequena medida, com fatos. A realidade com que trabalha o jornalismo e, com ele, todas as formas de produção de conhecimento humano é o texto, é a matéria significativa [...]”. Percebemos, em suas palavras, que o estudioso não nega a existência de uma realidade natural diretamente observável, mas a sua validade como objeto de trabalho do jornalismo. Para ele, ao tomar o humano como objeto central, as ciências humanas lidam não com um objeto inerte ou mudo, mas que responde. Portanto, conforme o autor, o efeito resultante do estudo no campo de uma realidade subjetiva é naturalmente a intersubjetividade:

Ao afirmar qualquer coisa sobre um ser humano, corremos, evidentemente, o risco de sermos contrariados pelo nosso “objeto” de conhecimento. Este “objeto” se constitui em signos, sua consciência se constitui em signos, ele se percebe humano ao tomar contato com signos e, observado, guarda as mesmas características que o seu observador. Portanto, não há uma relação sujeito/objeto, mas uma relação sujeito/sujeito, que só pode se dar em signos. Em outras palavras, o diálogo é a única forma de conhecer o ser humano, pois é no diálogo que o humano se manifesta e se constitui (Megassi Júnior 2022: 175-176).

Compreendemos que a anterioridade dos discursos aos objetos da realidade constitui um ponto fundamental para a análise da manchete. De fato, Bakhtin (1997) deu imensa importância à questão do papel ativo do outro no contexto de caracterização do enunciado como elo da comunicação dialógica. Para o filósofo, a compreensão responsivamente ativa do outro não significa apenas que esse ouvinte é simultaneamente falante (rompendo com o lugar estanque no qual lhe aprisiona a teoria de comunicação de Jakobson), como também que sua resposta interfere na produção desse falante, quando este a presume ao mesmo tempo que a busca determinar. Assim posto, entendemos melhor a imagem bakhtiniana de elo: o enunciado, como um momento de um processo ininterrupto, existe ligado aos enunciados passados e futuros, “não pode ser separado dos elos anteriores que o determinam, por fora e por dentro, e provocam nele reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica” (Bakhtin 1997: 321). Com efeito, o autor chega a afirmar que essa reação-resposta é o objetivo preciso da elaboração do enunciado.

Mais adiante, Bakhtin (1997) detalha a figura do destinatário, mostrando que ele pode revestir diferentes formas que se determinam pela área da atividade humana e da vida cotidiana a que se reporta um dado enunciado. Isso tem por corolário a sua máxima de que “cada um dos gêneros do discurso, em cada uma das áreas da comunicação verbal, tem sua concepção padrão do destinatário que o determina como gênero” (Bakhtin 1997: 321). Assim, conhecendo o seu interlocutor, o falante, desde a criação do enunciado, posiciona-se em relação a ele de modo estratégico:

Enquanto falo, sempre levo em conta o fundo aperceptivo sobre o qual minha fala será recebida pelo destinatário: o grau de informação que ele tem da situação, seus conhecimentos especializados na área de determinada comunicação cultural, suas opiniões e suas convicções, seus preconceitos (de meu ponto de vista), suas simpatias e antipatias, etc.; pois é isso que condicionará sua compreensão responsiva de meu enunciado. Esses fatores determinarão a escolha do gênero do enunciado, a escolha dos procedimentos composicionais e, por fim, a escolha dos recursos linguísticos, ou seja, o estilo do meu enunciado (Bakhtin 1997: 321).

O excerto acima mostra que o diálogo como princípio de existência do enunciado e dos próprios sujeitos não anula a individualidade desses, antes a ressignifica, fazendo com que os indivíduos alcancem e produzam esse mútuo reconhecimento como espelhos uns dos outros. Segundo Alves Filho e Santos (2013), é essa a razão pela qual um mesmo acontecimento nunca é visto por diferentes pessoas de um mesmo modo. Os autores apontam que a singularidade dos sujeitos está ligada ao excedente de visão que cada um tem em relação a seu interlocutor, por enunciar em um dado momento e em um dado espaço que só ele ocupa, inerentemente relacionados às experiências de vida do sujeito.

Alves Filho e Santos (2013) observam tal questão quando discutem a noção de tema. Sob tal ângulo, asseguram que “a constituição do tema depende do excedente de visão de cada um enquanto locutor” (Alves Filho; Santos 2013: 80). A propósito dessa teorização, podemos afirmar que a relação eu-objeto está para a significação, enquanto a relação eu-outro está para o tema. Na medida em que a significação se refere apenas ao elemento verbal em sua infinita repetibilidade de usos potenciais, o tema é a própria situação concreta em que, pelo diálogo, esse verbal passa agora a ter um sentido único. À vista disso, em diferentes manchetes, um mesmo assunto se desdobra, portanto, em temas diferentes a cada vez que é apresentado:

Considerando a relação do tema com a enunciação, podemos perceber o porquê de ele não ser reiterável. O assunto pode ser o mesmo, mas a situação comunicativa que o relaciona à vida nunca será a mesma, então o tema - conteúdo ideologizado, atravessado valorativamente pelas entoações relativas à situação comunicativa à qual pertence - terá a cada enunciação um acento de valor diferente [...]. (Alves Filho; Santos 2013: 80).

Tal mudança do acento de valor lembra a necessidade apontada por Ribeiro (2018) de, ao estudar o enunciado, o texto e a linguagem, se considerar o sujeito como principal agente e produtor de discursos. De acordo com ela, “quando Bakhtin destaca que os enunciados são respostas, podemos salientar que há sempre, por meio da enunciação, um projeto enunciativo. O enunciado, necessariamente, é a realização concreta do projeto de responder, de (re)significar, de se posicionar” (Ribeiro 2018: 105). Mais adiante, acerca da noção dialógica de estilo, Ribeiro (2018: 109) discute que “cada sujeito, ao utilizar a língua, deixa, em seu discurso, pistas mais ou menos veladas de sua história e sua visão sobre o mundo”.

Ao mesmo tempo, a autora reconhece que Bakhtin distingue os gêneros em face de uma maior ou menor possibilidade de expressão da individualidade. Assim,

[...] a maior elasticidade ou não do gênero está relacionada com a esfera discursiva a qual está filiado. A esfera midiática, esfera discursiva em que se inscreve a publicidade, a notícia, a charge, permite esta abertura, uma vez que trabalha com diversos tipos de produtos, serviços, ideias, dirigindo-se a um vasto e diferente público (Ribeiro 2018: 109).

Desse modo, à luz da teoria dialógica de linguagem e das colocações da autora, compreendemos que o “projeto enunciativo” do enunciado se desenvolve na relação com a esfera discursiva a que esse pertence, bem como surge da reação às palavras alheias, a qual pode se apresentar de maneira velada ou marcada textualmente, por meio das diferentes formas do discurso citado. Passaremos, por ora, à revisão dessas formas, visto que existem, na materialidade textual, indícios da constituição eminentemente dialógica dos discursos.

Durante séculos, a gramática normativa abordou o discurso citado de maneira reducionista, com a atenção voltada aos “procedimentos gramaticais necessários à transposição de fragmentos em estilo direto para o estilo indireto, sem a observação das modificações estilísticas correspondentes” (Cunha 2008: 132). Consequentemente, nesse tratamento do discurso citado, há uma concepção de interdependência, uma vez que “a gramática limita-se à descrição comparativa dos dois tipos de enunciados, sendo o discurso indireto segundo em relação ao primeiro, ou seja, ele só existe porque existe o primeiro” (Cunha 2008: 132).

Como exemplo, verificamos, na gramática normativa de Lima (2011), que as poucas ocorrências sobre o discurso citado ficam limitadas ao modo de construção de orações. O gramático demonstra como as construções justapostas de orações com objeto direto do verbo “dizer” apresentam discurso direto, como a oração “Aristóteles costumava dizer aos seus amigos: ‘Não há amigos’” (Lima 2011: 331). Semelhantemente, de acordo com o autor, “se transpusessemos este período para o discurso indireto, teríamos uma oração igualmente subordinada substantiva objetiva direta - porém de forma desenvolvida” (Lima 2011: 331), a exemplo de “Aristóteles costumava dizer aos seus amigos que não havia amigos”. Desse modo, a prescrição gramatical não ultrapassa as “amar-

ras” sintáticas, impossibilitando que sejam construídas reflexões sobre as funções discursivas da incorporação da voz alheia no enunciado.

Em contrapartida a tais noções prescritivas, ao conceber a linguagem como constitutivamente dialógica, a perspectiva bakhtiniana passa de uma noção voltada à análise de formas morfosintáticas de enquadramento da voz alheia para a de interação entre duas enunciações, sendo “a inter-relação dinâmica entre o contexto narrativo e o discurso citado o lugar de observação do diálogo e da manipulação da palavra alheia” (Cunha 2008: 135). Dessa forma, Bakhtin e o Círculo

Colocam o contraste e a mistura de vozes, de visões de mundo e de perspectivas de uma mesma realidade no centro do estudo da linguagem e do diálogo. No contato de duas enunciações, de dois sujeitos enunciando, constroem-se índices, indícios que se referem ao status sócio-ideológico da linguagem (Cunha 2008: 136).

De fato, Volóchinov (2021: 263) trata da dinâmica da orientação mútua entre o discurso autoral e o alheio. Segundo o autor, tal dinâmica se manifesta nos modelos de transmissão da voz externa e nas modificações desses modelos, os quais “são espécies de indicadores do desenvolvimento atingido pela língua em dado momento, bem como da correlação de forças entre o enunciado autoral e o alheio”. Desse modo, o autor abre, por meio do conceito de modificação, uma via de comunicação entre a sintaxe e a linguística, ao conceber como improdutiva a definição de um limite rígido entre as duas áreas.

Como primeira modificação, o autor apresenta o discurso indireto, com as modificações analítico-objetual, analítico-verbal e impressionista. O filósofo compreende que “o discurso indireto ‘ouve’ diferentemente o enunciado alheio, percebendo-o ativamente e atualizando, na sua transmissão, outros aspectos e tons em comparação com os demais modelos” (Volóchinov 2021: 270). À vista disso, enfatiza que o discurso indireto analítico-objetual mantém “uma distância nítida e rígida entre a palavra do autor e a alheia” (Volóchinov 2021: 272), e isso permite que o “eu” que enuncia cite a palavra alheia sem interferir em seu sentido, “preservando a solidez e a autonomia semântica em detrimento da construtiva” (Volóchinov 2021: 272) no contexto autoral de produção do discurso.

Já o analítico-verbal introduz, “na construção indireta, palavras e modos de dizer do discurso alheio que caracterizam a fisionomia subjetiva e estilística do enunciado alheio” (Volóchinov 2021: 273). Destacamos, também, o que Volóchinov (2021), a partir da perspectiva formalista, denomina de “estranhamento” da palavra do outro, pois, no discurso analítico-verbal, o filósofo acrescenta aspectos autorais, como ironia, humor etc., na voz alheia. Assim sendo, contrastando o discurso indireto analítico-objetual e o analítico-verbal, observamos como este último permite conhecer o enunciado alheio melhor em sua expressividade original. O discurso indireto impressionista, por sua vez, faz com que a construção indireta seja “usada principalmente para transmitir o discurso interior do personagem, seus pensamentos e sentimentos” (Volóchinov 2021: 276), sendo, assim, um meio-termo entre o analítico-objetual e o analítico-verbal.

No que tange a graus de interferências discursivas e encontro de diferentes entonações, o discurso alheio que tem mais destaque é o indireto livre para Volóchinov (2021: 285), no qual há a “confluência interferente de dois discursos com entonações de direções distintas”. São palavras que “compartilham simultaneamente duas entonações, dois contextos, dois discursos - o enunciado autoral e o alheio” (Luna; Cunha 2018: 172). Logo, o discurso indireto livre constitui-se como uma

nova “percepção ativa do enunciado alheio, uma orientação específica da dinâmica inter-relação entre o discurso autoral e o alheio” (Volóchinov 2021: 293), retificando qualquer ideia de neutralidade na retomada da voz de outrem.

Além disso, para o autor, há o discurso direto, que se apresenta enquanto preparado, objetificado/reificado, antecipado, dissipado e oculto e substituído/retórico. Compreendemos por discurso direto aquele que

Em sua forma padrão, apresenta o enunciado alheio como um todo compacto, mantendo sua integridade semântica e expressiva diante do contexto autoral. Esse esquema de transmissão, no entanto, apresenta diversas modificações em que os limites entre os discursos são enfraquecidos, ocorrendo troca mútua de palavras e de entonação entre eles (Luna; Cunha 2018: 172).

Dessa maneira, o discurso direto preparado é aquele em que a construção direta da palavra alheia surge da indireta ou indireta livre. No caso do discurso direto objetificado/reificado, “o contexto autoral se constrói de um modo em que as definições objetuais do personagem (dadas pelo autor) fazem sombras espessas sobre o seu discurso direto” (Volóchinov 2021: 279-280). Assim sendo, nesta forma de discurso direto, “a caracterização do enunciado alheio é mais importante que seu conteúdo semântico. A descrição da personagem (ou do sujeito representado, no caso dos gêneros não literários) é mais privilegiada que o aspecto temático do discurso outro” (Luna; Cunha 2018: 172).

Há, ainda, o discurso alheio antecipado, disperso e oculto, no qual o contexto autoral é tão subjetivo e demarcado, com os tons do personagem ou sujeito, que esse mesmo contexto passa a soar como se fosse o discurso de outrem (Volóchinov 2021). Por fim, temos o discurso direto substituído/retórico que se caracteriza por uma “solidariedade total entre o autor e o personagem nas avaliações e nas entonações, a retórica do autor e a do personagem às vezes começam a se sobrepor, as suas vozes se fundem” (Volóchinov 2021: 288), um fenômeno que quase não pode ser distinguido do discurso indireto livre, a não ser pelo fato de que prevalece a voz do autor falando em nome do outro (Luna; Cunha 2018: 172).

2. Metodologia

Este estudo segue uma abordagem de pesquisa qualitativa, com base na observação subjetiva do objeto que Jaccoud e Mayer (2008) defendem como princípio para esse método de investigação. Além disso, consiste em uma pesquisa descritivista-interpretativista (Moita Lopes 1994), uma vez que buscamos caracterizar e dar sentido à utilização do discurso citado em uma manchete jornalística virtual, no contexto das diferentes avaliações sociais sobre o 8 de janeiro. Para tal, efetuamos determinados procedimentos metodológicos, detalhados a seguir.

Primeiramente, como consequência da ampla divulgação jornalística de webnotícias sobre os episódios do dia 8 de janeiro e do espaço limitado do artigo, seguimos determinados critérios para a seleção da webnotícia que foi analisada, a saber: i) abordagem do dia 8 de janeiro de 2023 no Brasil como tema principal ou referência explícita à data que demonstre o caráter divisor do evento na história da democracia brasileira; ii) presença de formas sintaticamente marcadas ou não marcadas do discurso alheio; iii) jornal digital de ampla circulação regional ou nacional, observada

por intermédio do número de seguidores na rede social *Instagram*. Por intermédio desses critérios de seleção, coletamos uma manchete, pertencente ao site Uol Notícias, atuante no Brasil há mais de duas décadas. Em sua página do *Instagram*, tal portal conta com 1,6 milhões de seguidores, o que demonstra uma grande circulação das informações divulgadas pelo jornal selecionado.

A manchete foi coletada diretamente da página oficial do jornal através de *print* e registrada num documento do *Google Docs*, preservando, assim, as singularidades desse discurso digital, como defende Paveau (2021). Nessa operação, levamos em consideração também o subtítulo da webnotícia, já que se constitui como um aprofundamento das informações trazidas na manchete, combinando-se organicamente a essa no momento da leitura. Ademais, verificamos a estrutura tipificada da manchete em circulação no contexto brasileiro, pois recorrentemente há discursos reportados demarcados por meio das aspas e acompanhados de um verbo dicendi (afirma, diz, declara etc.), elementos que direcionam a interpretação do leitor e se constituem enquanto marcas linguístico-discursivas importantes na estabilização do gênero.

Escolhida a manchete, fizemos o levantamento bibliográfico de trabalhos do Círculo de Bakhtin e de seus intérpretes contemporâneos cujas conclusões contribuem ao objetivo do estudo – analisar como a palavra alheia entra na construção da valoração jornalística sob a aparente face objetiva do gênero – cf. Bakhtin (1997); Volóchinov (2021); Cunha (2008); Ribeiro (2018); Francelino (2022); Messagi Júnior (2022); e Nunes e Silva (2020). Na leitura dessas produções, buscamos por parâmetros que elucidassem o tratamento do *corpus*, mas sem transpor desses lugares categorias prontas, pois, na Análise Dialógica do Discurso, elas “[...] emergem das relativas regularidades dos dados, que são observadas/apreendidas no percurso da pesquisa” (Rohling 2014: 47). Tal posição é endossada por Destri e Marchezan (2021: 19), os quais explicam, em acréscimo, que cada *corpus* “terá necessidades de abrangência, aprofundamento e abordagem teórica diferentes e cabe ao pesquisador, em diálogo contínuo com o objeto, decidir sobre esses fatores”.

Quanto a esse último aspecto, não desconsideramos, conforme já sugerido na observação feita na seção anterior sobre as ciências humanas e à luz do que expõe Rohling (2014), que o objeto abordado na ADD não é propriamente um objeto, mas, sim, discursos produzidos por sujeitos sócio-historicamente constituídos, e que, ao entrar em relação com eles, o pesquisador o faz semelhantemente a partir de seu próprio horizonte valorativo, preponderante desde a escolha desse mesmo objeto até a sua análise. Cada análise, portanto, se faz única, porque único é o evento dialógico instaurado na relação com tal objeto.

Não obstante, o presente estudo fez uso de procedimentos consagrados nas reflexões teórico-metodológicas das pesquisas em ADD, a saber, análise, descrição e interpretação, atividades analíticas apontadas por Destri e Marchezan (2021) numa revisão sistemática de literatura na área. Os resultados dessas etapas são apresentados a seguir, de uma maneira entrelaçada ao longo da seção. Nela, desvendamos a composição material da manchete e o seu funcionamento enquanto gênero específico da webnotícia, por sua vez ligado a uma esfera de produção, circulação e recepção também específica. Paralelamente, analisamos os pontos enunciativos de articulação entre as vozes evidenciadores de suas tensas relações de sentido, bem como contemplamos, em nossas interpretações, a ligação dessas vozes com a realidade extralinguística – discursiva. Discutimos, ainda, tais elementos buscando apresentar, a partir do nosso lugar único de enunciação, sentidos observados quanto à alteridade constitutiva e material da manchete e assim produzir uma leitura original do fenômeno, que se reverta em contribuições para o crescimento do corpo de pesquisas em ADD.

3. Discurso alheio e a resposta da manchete ao 8 de janeiro

O dia 8 de janeiro de 2023 no Brasil mobilizou a imprensa nacional e internacional como exemplo de violento atentado popular aos valores democráticos constitucionais, materializado na invasão e depredação à Praça dos Três Poderes, o maior símbolo da democracia brasileira conquistada há quase três décadas, após o período da ditadura militar (1964-1985). O ato correspondeu ao momento mais radical do extremismo político perpetrado pela direita brasileira, a qual, desde então, tem vivido os efeitos da insurgência criminosa contra um bem nacional. Um exemplo deles é a operação “Lesá Pátria” da Polícia Federal e os seus consequentes desdobramentos legais para punição aos envolvidos (também amplamente divulgados pela mídia), os quais afetaram sensivelmente movimentos bolsonaristas posteriores. Desse modo, os danos causados pelo 8 de janeiro assumiram a força de uma arma voltada não apenas ao candidato recém-eleito e seguidores, mas principalmente aos seus oponentes bolsonaristas, que se viram na necessidade de buscar alternativas para uma reescrita compensatória do episódio frente à marca por ele deixada na memória política nacional.

À vista disso, as manchetes jornalísticas deram intensa vazão a essas contradições, sobretudo por meio da abordagem de falas dos agentes diretos do 8 de janeiro, bem como de “sujeitos-intérpretes” que se propuseram a reler e, consequentemente, a renomear o evento. Nesse trabalho de citação e referência a vozes externas, sob os moldes da tradicional formulação objetiva jornalística, as manchetes manifestaram, como todo enunciado, um “direito” e um “avesso” (Fiorin 2011). No “direito”, verificamos o jornal em sua função informativa, transmitindo, com limites ora mais ora menos definidos e de maneira supostamente desinteressada (neutra), o discurso alheio. No “avesso”, percebemos uma espécie de raio valorativo a incidir sobre esses dizeres e a remodelá-los conforme os sentidos construídos sobre o 8 de janeiro que se deseja sustentar, e isso fez emergir, no mesmo espaço da palavra do outro, uma contrapalavra autoral, marca de um alinhamento político inconfundivelmente oposto. A manchete a seguir é bastante representativa dessa característica biface do enunciado:

FIGURA 1

Manchete 1 - Uol Notícias (9 de janeiro de 2023).

'Vou pensar duas vezes', diz 'patriota' preso por vandalismo no DF ao deixar prisão

Observamos que a manchete faz uso das aspas simples para demarcar a palavra alheia por duas vezes. A composição sintética do gênero impossibilita operarmos uma classificação aprofundada das modificações de discurso direto e indireto conforme a que Volóchinov (2021) desenvolveu, pois o autor elabora tais distinções considerando sobretudo contextos narrativos. Além disso, esse não é o enfoque do trabalho, mas, sim, a função que o uso dessas formas de transmissão de discurso de outrem desempenha na construção de uma visão sobre o 8 de janeiro.

Logo, a separação entre discurso citante e citado é diferentemente motivada em cada caso. Na primeira ocorrência, as aspas delimitam um trecho da fala de um metalúrgico de Santa Catarina, cujo nome não é identificado na webnotícia, ao ser solto com sua família após prisão pela

participação nos atos extremistas. A posição em que a fala é trazida na manchete é por si só indicativa de sua relevância como meio de capturar a atenção do leitor e, ao mesmo tempo, realizar a avaliação velada que se estabelece a respeito do indivíduo que a proferiu. Podemos levantar algumas razões para esses pontos.

Primeiramente, o discurso do metalúrgico possui noticiabilidade, pois sugere um certo arrependimento da parte do agente ofensivo diante das consequências que sua adesão ao grupo de infratores causou e, paralelamente, a vitória das instituições democráticas, que reagiram de maneira enérgica e em curto período de tempo à violação cometida. O enunciado completo disponibilizado no restante da webnotícia é: “Hoje, eu vou pensar duas vezes se faria isso de novo”. Assim, entendemos que a supressão de uma parte tão significativa do texto do indivíduo na manchete cumpre o propósito de gerar no leitor as perguntas necessárias ao funcionamento adequado e harmônico das partes do tecnogênero webnotícia, na medida em que as informações principais tão esperadas e os detalhes do fato noticiado são objeto das próximas seções da matéria.

A manchete sozinha, portanto, não visa a informar completamente, mas, sim, antecipar a experiência de informação ao leitor acerca do conteúdo disponibilizado em sequência. Como meio de acesso à webnotícia, a manchete é elaborada pelo corpo editorial não para satisfazer, mas sim provocar a necessidade de preencher um vazio informativo. Nesse ponto em que o despertar da curiosidade vem à tona, o leitor é levado por esses pequenos indícios a recuperar diferentes acontecimentos e discursos do momento, procurando, com eles, reconstituir um lugar conhecido ou ainda um fundo de expectativa para o que se lhe apresentará adiante. Em outras palavras, a manchete convoca a diretamente compreensão responsiva ativa do leitor para a efetivação de seus propósitos, em última análise não objetivos.

Em segundo lugar, as aspas aparecem isolando a palavra “patriota”, que, na manchete, introduz ao leitor um novo e importante dado: o autor da fala reportada. Apesar de não haver elementos que identifiquem pessoalmente esse autor, o nome “patriota” serve bem à inicial caracterização pretendida pelo jornal dessa voz, remetendo-a aos seguidores de Bolsonaro e, mais especificamente, haja vista as informações das circunstâncias do proferimento apresentadas a seguir – “[...] preso por vandalismo no DF ao deixar prisão” –, aos eleitores extremistas envolvidos no atentado do dia 8 de janeiro. De fato, apenas um interlocutor que viveu ou acompanhou os detalhes da polarização política que se estendeu de 2018 até o momento no Brasil poderá perceber esse fio dialógico, a que passaremos a observar brevemente agora.

O patriotismo, como valor daquele que ama a pátria, foi uma das principais bandeiras levantadas pela direita brasileira, como vemos no *slogan* governamental de Bolsonaro: “Deus, pátria, família e liberdade”. Logo, “patriota” assumiu o valor de uma arma ideológica (embora apresentada como anti-ideológica) de luta e, na lógica bolsonarista, de defesa da pátria contra a ameaça esquerdista representada pelo oponente Lula, o qual passou, conseqüentemente, a ser associado pelos adeptos bolsonaristas ao não amor ao país. Por essa razão, “patriota” deixou de ser uma designação autorizada para qualquer cidadão brasileiro, tendo sido essencializada como uma qualidade de um grupo político específico.

Temos aqui, então, um exemplo do que Volóchinov (2021) afirma sobre a tentativa da classe dominante em esconder o confronto entre interesses sociais contraditórios existente no signo e torná-lo monovalente, isto é, portador de um único sentido posto como universal. Nas palavras do autor, ela “tende a atribuir ao signo ideológico um caráter eterno e superior à luta de classes,

bem como a apagar o embate das avaliações sociais no seu interior, tornando-o monoenfático” (Volóchinov 2021: 113). Essa força centrípeta que age sobre o signo “patriota”, ao calar outras vozes nele insurgentes, se repercute também nos símbolos pátrios, como as cores da bandeira brasileira, ressignificadas, de 2018 a 2022, como as cores da direita bolsonarista.

As aspas que isolam a palavra “patriota” constituem, na manchete, uma prova da falibilidade do projeto de monologização do signo. Isso porque elas atestam para uma outra posição distinta da ideia bolsonarista de patriotismo, evidenciada no distanciamento estrutural (mediante as aspas) pelo qual a natureza alheia da palavra é ressaltada. Mesmo podendo manter a referência à origem externa desse dizer sem utilizar as aspas, diluindo a palavra alheia no seu enunciado, o produtor escolhe não recobrir essa palavra alheia pela voz jornalística, evitando uma confusão entre os limites da palavra própria e da palavra citada. Tal ação tem, como efeito, o contraste do tema dessa palavra no contexto de vigência do bolsonarismo com os temas que ela realizava anteriormente a esse momento histórico no país, isto é, temas ligados a um sentimento humano *apartidário* de amor e entrega à causa da pátria.

Assim, vemos que os dois temas são construídos sob o propósito do bem-estar da nação - um sentido de patriota que ecoa diferenças e divisões no seio social e outro que, contrariamente, prevê a unidade do país, ao entender o compromisso e cuidado com a pátria como ações possíveis a todos os grupos sob a proteção de um dado ente federativo. A coexistência desses sentidos particulares para patriota na manchete parece apontar para a coexistência de dois modos de ser brasileiro, ou mesmo de dois “brasis”, o Brasil particular da direita reacionária bolsonarista que “ama” e, insuflada por esse sentimento, se põe em guerra “pela pátria”, e o “Brasil brasileiro”, cuja valorização não é tesouro exclusivo de um grupo político, mas de todas as gentes.

A leitura integral do discurso citante – “[...] diz ‘patriota’ preso por vandalismo no DF ao deixar prisão” – indica ainda mais a avaliação jornalística sobre o discurso alheio, pois a identidade dita patriótica do sujeito reportado entra em franca contradição com o vandalismo por ele praticado contra patrimônios da nação que julga defender. Logo, as informações sobre a situação de proferimento da fala do metalúrgico reforçam o questionamento implícito subjacente ao uso da palavra “patriota” entre aspas, palavra que, como vimos, isoladamente já aciona uma heterogeneidade de posições sobre as representações do amor à pátria. Dessa forma, ao marcar um desencontro com a ótica bolsonarista, o enunciado da manchete faz irromper um sentido de valor oposto para patriota e, por extensão, para o 8 de janeiro como gesto representativo de patriotismo. Os elementos analisados indicam que, para o jornal, ser patriota passa justamente por respeitar o Estado Democrático de Direito e, conseqüentemente, a vontade soberana do povo na escolha de seus representantes políticos. A intolerância, violência, incitação à desordem pública e a danos contra prédios de inegável importância histórico-nacional vistas no 8 de janeiro são, na recuperação da manchete, indiciadas como ações que se mostram por si mesmas avessas a um cidadão que ama sua pátria e milita em favor dela.

Considerações finais

Neste artigo, investigamos os efeitos de integração da palavra alheia ao enunciado de uma manchete digital do portal de notícias Uol para a compreensão dos discursos sobre o 8 de janeiro no Brasil. Podemos interpretar, como resultado, que, na manchete analisada, as vozes alheias são apresentadas

não de forma acessória, mas a partir de um contexto autoral específico e do propósito comunicativo do sujeito-autor. Portanto, através do diálogo entre discurso citado e citante, a manchete analisada consegue construir uma reapreciação do discurso alheio, possibilitando novas representações sobre o dia 8 de janeiro frente ao público leitor.

Logo, o emprego de aspas simples para demarcar o discurso alheio ocorre, no exemplar analisado, por dois motivos, como vimos: (i) delimitação do trecho da fala de um metalúrgico de Santa Catarina que estava envolvido nos atos antidemocráticos e que foi preso; e (ii) isolamento da palavra “patriota”, a qual, no enunciado, introduz ao leitor um novo e importante dado – o autor da fala reportada. Com essa construção de título, notamos que um novo sentido é construído em torno do termo “patriota” e, por extensão, ao 8 de janeiro como gesto representativo de patriotismo.

Tendo interpretado que a transmissão do discurso alheio envolve decisões tanto na mudança da modalidade linguística (do oral para o escrito) quanto na passagem do discurso direto para o indireto na manchete, e que tais decisões projetam-se nos diversos sentidos que o enunciado citante vem a construir, esta é uma pesquisa que se volta à relação ativa entre a voz alheia e a autoral. Uma vez que delimitamos o *corpus* a uma manchete, reconhecemos a limitação da pesquisa. Nesse sentido, fica aberta uma lacuna a ser preenchida por outros estudos circunscritos à ADD que podem analisar um *corpus* mais amplo de manchetes digitais, inclusive sobre outros momentos históricos e veiculadas por outros jornais brasileiros ou estrangeiros.

Assim, será possível ampliar a observação do fenômeno da incorporação da voz alheia em cada enunciado com a sua individualidade e, a partir disso, espera-se, chegar ao apontamento de algumas regularidades no modo como os sentidos são construídos nas manchetes digitais. Do mesmo modo, podem ocorrer transposições teóricas do estudo de Volóchinov, originalmente voltado ao romance, para gêneros de outras esferas – ou ainda para outros tipos de enunciados pertencentes também à esfera midiática –, gerando trabalhos futuros que apontem como, na vertente da ADD, a produção de sentidos é inesgotável (Destri; Marchezan 2021).

Referências bibliográficas

- ACOSTA PEREIRA, R.; BRAIT, B. 2020. [Disponível na Internet em <https://anpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/139>]. A valoração em webnotícias direcionadas às mulheres. *Revista da Anpoll* 51, 2: 89–107 [Consulta: 18 de janeiro de 2024].
- ALVES FILHO, F.; SANTOS, E. P. 2013. [Disponível na Internet em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2013v10n2p78>]. O tema da enunciação e o tema do gênero no comentário online. *Fórum Linguístico* 10, 2: 78-89 [Consulta: 18 de janeiro de 2024].
- BAKHTIN, M. 1997. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BLIKSTEIN, I. 2008. [Disponível na Internet em <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/138982>]. O direito e o avesso: análise semiótica do discurso político e empresarial. *Organicom* 5, 9: 36-48 [Consulta: 18 de janeiro de 2024].
- BRAIT, B. 2006. Análise e teoria do discurso. Em B. Brait (eds.) *Bakhtin: conceitos-chave*. pp. 9-32. São Paulo: Contexto.

CUNHA, D. 2008. [Disponível na Internet em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/27911/19983>]. Do discurso citado à circulação dos discursos: a reformulação bakhtiniana de uma noção gramatical. *Matraga* 15, 22: 129-144 [Consulta: 18 de janeiro de 2024].

DESTRI, A.; MARCHEZAN, R. C. 2021. [Disponível na Internet em <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1853>]. Análise dialógica do discurso: uma revisão sistemática integrativa. *Revista da ABRALIN* 20, 2: 1-25 [Consulta em: 18 de janeiro de 2024].

FIORIN, J. L. 2011. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática.

FRANCELINO, P. F. 2022. Discurso de outrem. Em S. Pereira e S. Rodrigues (eds.). *Diálogos em verbetes*: noções e conceitos da teoria dialógica da linguagem, pp. 63-67. São Carlos: Pedro & João Editores.

JACCOUD, M.; MAYER, R. 2008. A observação direta e a pesquisa qualitativa. Em J. Poupart, J. Deslauriers e L. Groulx (eds.). *A pesquisa qualitativa*: enfoques epistemológicos e metodológicos, pp. 254-295. Rio de Janeiro: Vozes.

LIMA, R. 2011. *Gramática normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio.

LUNA, T. S; CUNHA, D. 2018. [Disponível na Internet em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/143889>]. O discurso outro em narrativas ficcionais e não ficcionais. *Linha D'água* 31, 3: 167-190 [Consulta: 18 de janeiro de 2024].

MESSAGI JÚNIOR, M. 2022. [Disponível na Internet em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/49210>]. Fato vs. texto: como a “objetividade” oculta o caráter discursivo do jornalismo. *Bakhtiniana - Revista de Estudos do Discurso* 17, 1: 166–186 [Acesso: 18 de janeiro de 2024].

MOITA LOPES, L P. 1994. [Disponível na Internet em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45412>]. Pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. *D.E.L.T.A.* 10, 2: 329-338 [Consulta: 18 de janeiro de 2024].

NUNES, D.; SILVA, M. P. B. 2020. [Disponível na Internet em: <https://periodicos.upe.br/index.php/refami/article/view/438>]. O discurso de outrem como estratégia estilístico-socioideológica nas manchetes de notícias veiculadas pelos jornais digitais G1 e R7. *Falange Miúda - Revista de Estudos Da Linguagem* 5, 1: 49-64 [Consulta: 18 de janeiro de 2024].

RIBEIRO, K. 2018. [Disponível na Internet em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1087>]. Por uma visão dialógica da forma: contribuições do Círculo de Bakhtin para os Estudos da Linguística. *Entrepalavras*, 8, 2: p. 100-119 [Consulta: 18 de janeiro de 2024].

ROHLING, N. 2014. [Disponível na Internet em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/7561>]. A pesquisa qualitativa e Análise Dialógica do Discurso: caminhos possíveis. *Cadernos de Linguagem e Sociedade* 15, 2: p. 44-60 [Consulta: 18 de janeiro de 2024].

VOLÓCHINOV, V. 2021. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora 34.

LORRAN, T. 2023. [Disponível na Internet em <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2023/03/02/vou-pensar-duas-vezes-diz-patriota-ao-deixar-prisao.htm>]. ‘VOU pensar duas vezes’, diz ‘patriota’ preso por vandalismo no DF ao deixar prisão. *Uol* [Consulta: 18 de janeiro de 2024].

ALINE MILENA BORGES DA SILVA DIAS. Mestranda em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e professora na rede básica de ensino de Pernambuco. Graduada em Letras-Português/Licenciatura pela UFPE. Integra o grupo de pesquisa/CNPq Rede de Estudos Dialógicos (RED), da UFPE e tem interesse nas seguintes áreas: Análise Dialógica do Discurso e Análise do Discurso Digital.

E-mail: aline.borgessilva@ufpe.br

EVERTON HENRIQUE SOUZA-SILVA. Mestrando em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e professor na rede básica de ensino de Pernambuco. Graduado em Letras-Português/Licenciatura pela UFPE. É membro dos grupos de pesquisa/CNPq Rede de Estudos Dialógicos (RED) e Grupo de Estudos do Texto (GESTO), ambos da UFPE. Tem interesse nas seguintes áreas: Análise Dialógica do Discurso, Linguística Aplicada e Linguística Textual.

E-mail: everton.souzasilva@ufpe.br

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Este artigo foi desenvolvido por Aline Borges da Silva Dias y Everton Souza-Silva. O desenho e a coleta dos dados foram realizados por Aline Borges da Silva Dias y Everton Souza-Silva. Os autores interpretou os resultados, redigiu e fez a revisão do artigo.